



Um estudo sobre o valor do trabalho do voluntário da Associação Viva e Deixar Viver

Valdir Cimino

Publicitário e Diretor da Associação Viva e Deixar Viver.

Adriana de Rezende Dias

Psicóloga da UTI pediátrica do Hospital Regional da Asa Sul, SES/DF.
Mestre em Psicologia Clínica, UnB.

Eliana Alonso Moyses

Advogada da Associação Viva e Deixar Viver. Especialista em Direito Empresarial.

Sady Folch

Pós-graduado em Formação de Escritores.
Advogado especialista em Direito Ambiental, com
defesa em Biotecnologia, Ética e Biodireito.

Artigo publicado na Revista Eletrônica Gestão e Serviços v. 9,
n. 1, pp. 2147-2163, Janeiro/Junho 2018. ISSN Online: 2177-7284
e-mail: regs@metodista.br

Projeto gráfico e ilustrações de Paulo Zilberman

Introdução

O estudo acerca do trabalho voluntário está se desenvolvendo largamente nas últimas décadas. Reconhecido pela ação em diversos setores da sociedade, o voluntariado vem adquirindo características empreendedoras, pois não mais se restringe ao assistencialismo e à solidariedade, e com isso ocupa cada vez mais espaços de formação, educação, promoção da cultura e profissionalização.

Landim e Scalon (2001) apontam para o debate iniciado há mais de 10 anos entre o que vem a ser “trabalho voluntário” e “doação individual”, tendo em vista que ao primeiro requer uma dedicação e, muitas vezes, especialização da ação de quem o pratica, em contraposição à doação individual que apenas dispensa o repasse de alguma verba a instituições que prestem a ação voluntária ou assistencial.

Essa diferenciação, à luz da Lei no. 9.608, de 18 de fevereiro de 1998 (Lei do Voluntariado) e também do Programa de Voluntários lançado pela antropóloga, então Primeira-Dama, Sr.^a Ruth Cardoso, possibilitou a construção da identidade do voluntário qualificado e capacitado, que oferece um serviço de qualidade e sem fins lucrativos. No Brasil, ainda é incipiente a reflexão acerca do impacto econômico da ação voluntária e da doação voluntária. Em outros países, conforme já ressaltado, como Estados Unidos e também alguns da Europa, há muito se preocupam em





realizar o cálculo do valor da hora voluntária e o impacto desse trabalho no IDHB nacional (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001; BRASIL, 2014).

Alguns estudos apontam, dentro de uma perspectiva econômica, o impacto da ação voluntária na economia local e do país, a exemplo do que discorrem os dados da organização norte-americana Independent Sector (INDEPENDENTSECTOR, 2001). A instituição realiza o cálculo do valor da hora de trabalho voluntário em cada Estado norte-americano, bem como, o valor para o

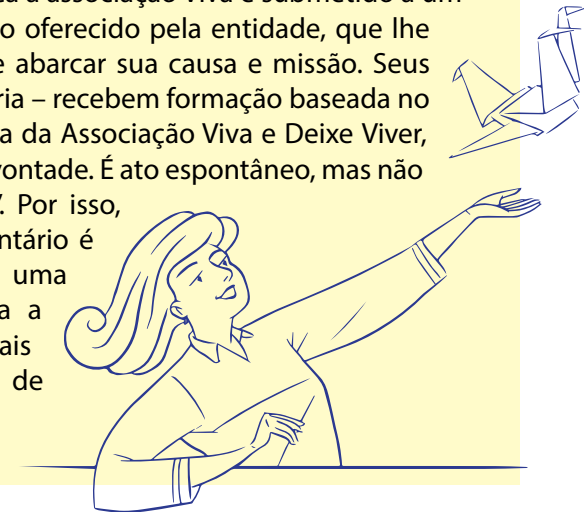
país, e, em 2017, estimado em US\$ 24,14, segundo a mais recente atualização depreendida da página oficial da organização em tela (INDEPENDENT SECTOR, 2016).

Com uma nova mudança nas relações trabalhistas e principalmente na sustentabilidade de uma aposentadoria que gere bem-estar para toda a sociedade, Moreno e Yoldi (2008) discorrem sobre a importância que a mudança de cultura e o impacto do trabalho voluntário exercem na sociedade, possibilitando que se estude a “valoração econômica do trabalho voluntário, buscando dessa forma que o real aporte e a contribuição econômica do trabalho voluntário sejam refletidos sistematicamente e analiticamente nas diversas esferas de ação: no poder público, nas próprias entidades voluntárias e na sociedade em geral”.

Assim, cada vez mais as pessoas vêm procurando e formando organizações que possam atender de maneira comprometida e eficiente às demandas e necessidades sociais, estas que não raro encontram-se descobertas pela ineficiência ou incapacidade do Estado. Para Martinez de Soria (2001), Doutora em Pedagogia, a ação voluntária organizada é um resultado positivo do mundo globalizado e que, por tal desiderato, tem se apresentado cada vez mais a requerer qualificação.

A Associação Viva e Deixe Viver tem como missão, desde 1997, fomentar a educação e a cultura na saúde por meio da leitura e do brincar, visando transformar a internação hospitalar de crianças e adolescentes em um momento mais alegre, agradável e terapêutico, contribuindo positivamente para o bem-estar também de seus familiares e equipe multidisciplinar. Como visão de futuro, almeja ser reconhecida como uma OSCIP que desenvolve cidadãos para o cumprimento do trabalho voluntário de maneira consciente, comprometida e constante. Ser referência em educação e cultura por meio da promoção de atividades de ensino continuado e para a realização de sua ação, o programa Viva atualmente conta com o trabalho de aproximadamente 1.299 contadores de histórias presentes em 90 hospitais e casas de saúde, localizados em seis Estados e 20 cidades brasileiros e 167 voluntários doadores de suas habilidades e recursos profissionais na gestão da Sede Viva, todas essas horas qualificadas impactam anualmente uma média de 200.134 pessoas das quais 90.495 eram crianças, 85.096 familiares e 24.543 profissionais da saúde (ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER, 2016).

Em iniciativa pioneira, a Associação Viva pesquisou o perfil do voluntário contador de histórias, consciente não somente da importância do contar histórias no ambiente hospitalar, como também do conteúdo a ser transmitido. O voluntário que busca a associação Viva é submetido a um processo de seleção e treinamento oferecido pela entidade, que lhe possibilita integrar a Associação e abarcar sua causa e missão. Seus voluntários – Contadores de História – recebem formação baseada no Manual de Normas, Práticas e Ética da Associação Viva e Deixe Viver, pois “Ser voluntário é atuar com a vontade. É ato espontâneo, mas não pode ser impulsivo, sem direção”. Por isso, antes de iniciar um trabalho voluntário é importante que a pessoa faça uma reflexão sobre o que a mobiliza a ajudar outrem e defina em quais situações se sentiria útil e capaz de



melhorar a realidade de alguém carente, em situação de fragilidade, física e/ou mental. Isto feito, é preciso aceitar as condições para o trabalho voluntário, introduzindo nas reflexões acerca do tema os três “Cs” que o norteiam: (A) Consciência: Perceber a responsabilidade de estar diante de uma criança ou adolescente que se encontra em um momento especial, de difícil trato e, a partir desse reconhecimento, respeitar, em todas as suas ações, o paciente, seus familiares e a equipe médica; (B) Compromisso: O compromisso do trabalho voluntário deve ser assumido perante a Associação, o paciente e consigo mesmo; (C) Constância: Comparecer no dia e horário estabelecido, por todo o tempo em que perdurar o trabalho voluntário, porque sempre haverá uma criança ou um adolescente aguardando a ação voluntária que lhe foi prometida. A vontade de ajudar é um começo, mas não é o suficiente para transformar alguém em voluntário. Voluntário é aquele que cuida dessa vontade de ajudar, fazendo que ela se concretize. O resultado obtido é o prazer, enorme, de sentir-se útil e solidário (ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER, 2015).

O processo faz parte do projeto pedagógico da instituição que oferece aos participantes sólidas reflexões sobre valores como responsabilidade, comprometimento e tolerância, sobremaneira necessários ao voluntário da saúde, a exemplo da iniciativa da organização Brahma Kumaris pela educação focada em valores (BRAHMA KUMARIS, 1996).

Para Bondal (2001), quando o foco são os valores e as virtudes, é mais provável que se resulte em uma reflexão crítica e afirmativa do fenômeno da globalização, possibilitando ao indivíduo integrar-se à sociedade, de forma a gratificar-se com sua potencialidade laborativa, criativa e de promoção de mudanças.

Em 2001, Ano Internacional do Voluntário, a Associação Viva e Deixe Viver recebeu o convite da Prefeitura de New York City/USA, para participar do comitê responsável pela organização da programação das comemorações desse



movimento mundial, promovido pelo programa de Voluntários das Nações Unidas (VNU), pela Rede Brasil Voluntário e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Nessa perspectiva, a Associação Viva vem desempenhando um papel de formador social, no sentido amplo do conceito, uma vez que forma o seu voluntário, o capacita constantemente e reflete acerca de suas ações e efeitos por intermédio de estudos, pesquisas e ações realizadas. Algumas das pesquisas e estudos efetuados demonstram a eficiência de sua ação fim – Contar Histórias (YOSHIDA, et al., 2005; MUSSA; MALERBI, 2008), Relacionamento com Hospital, Humanização Hospitalar (VIVA HUMANIZAÇÃO, 2001), Formação de Leitores (FLORES; DIAS, 2009); e outras, da estruturação de sua ação, como é o caso da Capacitação e Formação do Voluntário (SUYAMA, et al., s/d). Com isso, pôde-se firmar a importância e impacto de sua ação além de agregar valores ao organizar e desenvolver sua ação no país, por meio de uma Rede de Integração de todas as afiliadas e vinculadas à Associação Viva.

O presente artigo propõe analisar as pesquisas e estudos que a Associação Viva e Deixe Viver realizou sobre o trabalho que desenvolve e seus voluntários, traçando o perfil do Voluntário que atua na Associação e o valor da hora trabalhada pelo voluntariado.

Importa afirmar que o perfil dos voluntários Contadores de História passou a ter uma importância primária, pois é esse cidadão que age e transforma. Há a necessidade em desmistificar, portanto, a visão errônea para com o voluntário, porquanto pareça ele realizar o trabalho como um favor. É necessário que se compreenda ser ele, sim, uma pessoa, sobretudo preparada. O voluntário da Associação Viva, por exemplo, doa a média de 10 horas para as atividades nos hospitais da Rede Viva e quatro horas para outras entidades, aplicando ensinamentos e conhecimento por meio do ensino continuado, o que significa dizer ser o equivalente a quatro vezes mais que a média Brasil, apontada na pesquisa feita pelo IBOPE em 2010.



Método

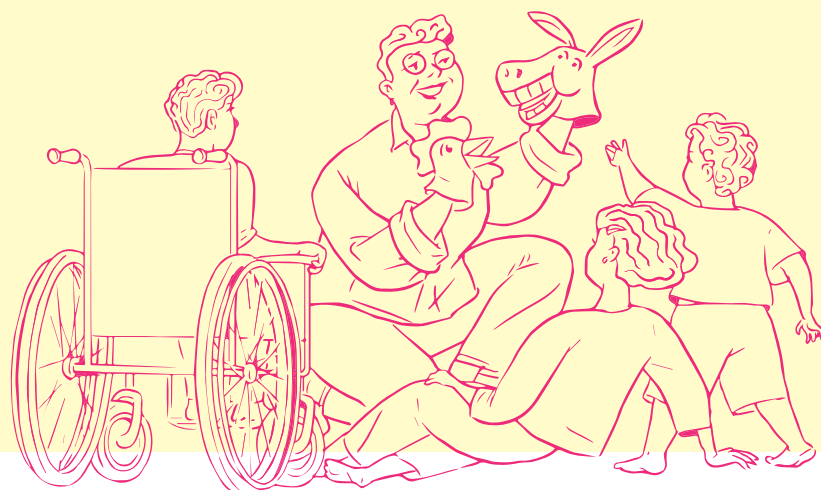
A Pesquisa foi conduzida pela Qualibest, primeiro instituto de pesquisas on-line, o Instituto QualiBest está no mercado desde 2000 e conta com mais de 250 mil usuários cadastrados em todo o país, mais de quatro mil estudos realizados para mais de 400 clientes de diferentes setores do mercado (QUALIBEST, 2001). Desde 2006, com periodicidade bianual o “Perfil do Voluntário Contador de Histórias da Viva” – 5ª onda – as pesquisas apontam dados interessantes, tal qual o alto grau de instrução dos cidadãos que buscam a Associação Viva, o que o motivou a um cálculo do valor da hora dedicada ao trabalho voluntário por seus Contadores de História (ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER, 2016).

A 5ª onda

Pesquisa quantitativa on-line por meio de questionário estruturado de auto preenchimento disponível a partir de e-mails enviados para a base de voluntários de todas as cidades que a Rede Viva atua no país.

A coleta de dados ocorreu entre 16 de fevereiro a 25 de abril de 2016.

O comparativo das pesquisas também evidencia a necessidade de minimizar a visão assistencialista que existe sobre o voluntariado no Brasil e de promover a gestão profissional na atividade exercida, fortalecendo o conceito de sustentabilidade.



Resumindo...

	1ª Onda	2ª Onda	3ª Onda	4ª Onda	5ª Onda	% de crescimento
Renda média pessoal mensal do voluntário	R\$ 3.429,74	R\$ 4.287,42	R\$ 4.325,02	R\$ 5.187,29	R\$ 5.458,71	5,23%
Renda média familiar mensal do voluntário	R\$ 7.090,81	R\$ 7.667,32	R\$ 7.774,33	R\$ 6.477,93	R\$ 6.786,12	4,76%
Participação % do voluntário na média da renda familiar mensal	59%	63%	60%	83%	78%	-6,02%
Valor médio mensal de hora-trabalho do voluntário	R\$ 22,88	R\$ 31,96	R\$ 32,48	R\$ 24,26	R\$ 39,98	64,78%
Média de horas dedicadas a trabalhos voluntários de forma geral por mês	16,1	14,5	15,8	16,5	16	-3,03%
Média de horas dedicadas ao Viva por mês	8,7	8,6	10,0	9,4	8,8	-6,38%
Média de horas dedicadas a outras instituições por mês	7,4	5,9	5,8	6,9	7,2	4,35%
% de horas dedicadas ao Viva em relação ao total	54%	59%	64%	57%	55%	-3,51%
Valor mensal que representa o trabalho voluntário de forma geral	R\$ 369,14	R\$ 464,19	R\$ 511,85	R\$ 399,93	R\$ 640,55	60,17%
Valor mensal que representa o valor do trabalho voluntário para a Viva	R\$ 199,04	R\$ 274,65	R\$ 325,17	R\$ 228,12	R\$ 352,84	54,67%
Valor mensal que representa o valor do trabalho voluntário para outras organizações	R\$ 170,10	R\$ 189,54	R\$ 186,68	R\$ 167,39	R\$ 287,71	71,88%
Horas-trabalho/ano dedicadas a trabalhos voluntários de forma geral	209.494,0	215.075,9	167.560,30	185.697,00	226.320,29	21,88%
Horas-trabalho dedicadas a trabalhos voluntários para a Viva no ano	112.960,8	127.256,3	106.447,60	106.079,00	124.665,92	17,52%
Total de investimento do voluntário com despesas extras no ano	///	///	R\$ 1.908.087,44	R\$ 1.450.891,31	R\$ 2.008.723,91	38,45%
Total que representa o trabalho voluntário de forma geral no ano	R\$ 4.792.949,92	R\$ 6.873.770,89	R\$ 5.441.969,69	R\$ 4.504.422,87	R\$ 9.047.190,13	100,85%
Total de investimento do voluntário com despesas extras para a Viva no ano	///	///	R\$ 1.211.175,96	R\$ 827.008,05	R\$ 1.106.482,39	33,79%
Total que representa o trabalho voluntário para a Viva no ano	R\$ 2.584.395,79	R\$ 4.067.076,96	R\$ 3.457.170,08	R\$ 2.573.141,59	R\$ 4.983.540,30	93,68%

Resumo das pesquisas com voluntários: 1ª a 5ª onda

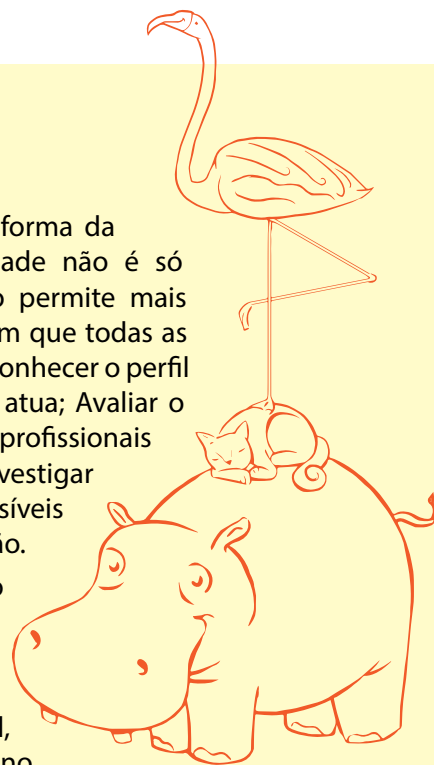
Fonte: Associação Viva e Deixe Viver, 2016.

Aqui pensamos a resposta pela plataforma da sustentabilidade, afinal, sustentabilidade não é só economia, mas visto como um todo permite mais acertadamente a ideia de uma roda em que todas as variáveis devem ser mensuradas para conhecer o perfil do grupo de voluntários onde a Viva atua; Avaliar o relacionamento do voluntário com os profissionais e pacientes da Rede Viva; Investigar possibilidade de melhorias e possíveis pontos de insatisfação com a associação.

Promover a Resolução 14.009/12 do Conselho Federal de Contabilidade deixando transparente os recursos financeiros investidos para ter um voluntário especializado e profissional, e a comparação com capital humano produzido pelo voluntário na transformação social.

Para tratarmos da valoração do trabalho voluntário pelo viés da sustentabilidade, importa afirmar que ao pensarmos a hora voluntária, ela não pode estar relativizada no salário da pessoa. No caso da Rede Viva, não há um profissional contador de histórias sem um salário prefixado no mercado. O contador de histórias é uma criação da Rede Viva e não há uma categoria onde podemos enquadrá-lo para saber a hora desse indivíduo.

A Resolução 14.009/2012, por exemplo, do Conselho Federal de Contabilidade, diz que no balanço fiscal é preciso configurar o custo da hora voluntária. No Brasil, atualmente, não temos ainda uma indexação para dizer qual é o custo da hora voluntária. A saída que normalmente se encontra é colocar a profissão do indivíduo, contudo, pergunta-se: como fazer, por exemplo, nos casos apresentados pela Rede Viva, porquanto existem voluntários que são CEOs de grandes empresas e até mesmo



desembargadores? A pergunta-base é: qual o valor desse indivíduo?

A saída encontrada pela Rede Viva teve base nos estudos da Independent Sector, que pertinentemente criou o índice voluntário na América do Norte. Os EUA mensuram os salários das pessoas que doam a hora voluntária e tiram uma média. Isso é, sobretudo, a sustentabilidade a que nos referimos. É entender o processo como um todo, sem que haja a necessidade de segmentá-lo, porquanto se tome a profissão do indivíduo e se atribui à sua hora voluntária pelo piso salarial de sua ocupação profissional (INDEPENDENT SECTOR, 2001).

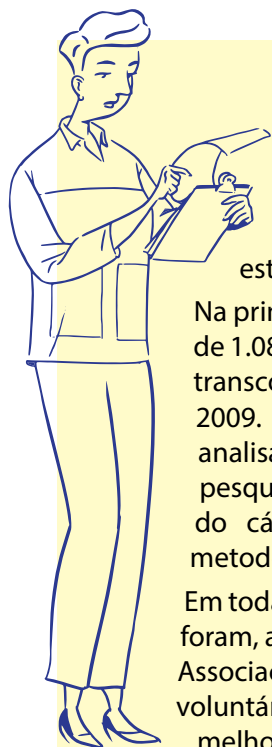
É importante também ressaltar que não se pode indexar o salário do voluntário pelo mínimo, afinal, resta comprovado que o que ele executa não é mínimo, mas, ao contrário, é o máximo. Desse diapasão, geram-se algumas discussões que a nosso ver possuem conteúdo suficiente para que os debates conduzam à ordem de política pública, uma vez que o governo possa compreender que somente dessa forma se pode mensurar seriamente o trabalho voluntário, trazendo para o contexto a indústria e o comércio.

O que não é mais possível é querer enquadrar a hora do trabalho voluntário a indexador que esteja atrelado ao conselho profissional respectivo a que o indivíduo pertença, a exemplo do de contabilidade. Europa e EUA já adotam esse procedimento que encontra, na média, o valor condizente com o preparo e dedicação a que se propõe

Resultados

Realizadas quatro pesquisas quantitativas, por intermédio da internet, pelo Instituto de Pesquisa de Mercado QualiBest e pela Associação Viva e Deixe Viver, foi enviado a todos os voluntários da Associação Viva e Deixe Viver um convite para participarem da pesquisa e,





com ele, fornecidos link e código de acesso que possibilitaram ao voluntário responder ao questionário estruturado on-line.

Na primeira pesquisa, um total de 230 voluntários, de um universo de 1.082, respondeu ao questionário. O período de coleta de dados transcorreu entre o dia 28 de novembro de 2008 e 13 de janeiro de 2009. O questionário foi composto por 46 questões, que serão analisadas a seguir, e comparadas aos resultados das ondas de pesquisa que se seguiram nos anos posteriores. Para a realização do cálculo do valor da hora do voluntário, foi utilizada a metodologia proposta pelo Independent Sector.

Em todas as pesquisas, denominadas Ondas, os objetivos do estudo foram, a princípio, conhecer o perfil do grupo de voluntários onde a Associação Viva atua; ato contínuo avaliar o relacionamento do voluntário com a Rede Viva e, por fim, investigar possibilidades de melhorias e possíveis pontos de insatisfação com a associação.

No que concerne à atividade de Contar História sem hospitais parceiros da Viva, os 230 voluntários que responderam ao questionário da Primeira Onda (QUALIBEST, 2009), 97% exercem-na, enquanto a Segunda Onda apresentou o resultado de 99% (ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER, 2011) e, a Terceira Onda (ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER, 2012) e a Quarta Onda (ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER, 2014a), igualmente, 96% dos voluntários a exercem.

Da primeira amostra, 51% dos voluntários são da cidade de São Paulo, representando mais da metade do total de voluntários da Rede Viva em âmbito nacional. O resultado na segunda demonstra compreenderem o universo de 49%, na terceira onda, o correspondente a 50% e, por fim, a Quarta Onda apresenta o percentual de 36% de voluntários atuantes na cidade de São Paulo.

O Voluntário da Associação, segundo a pesquisa da primeira onda, era em sua maioria do sexo feminino (83% contra 17%). Entretanto, o percentual de homens aumentou nos últimos anos, se compararmos

com uma pesquisa feita com voluntários de 1997 a 2005 em que apenas 14% dos voluntários eram do sexo masculino (FLORES; DIAS, 2009).

Nas ondas seguintes, a maioria feminina se repete, compreendendo para a segunda onda um universo de 86% de mulheres e, nas Terceira e Quarta Ondas, iguais 85% do sexo feminino a representar o trabalho voluntário apresentado pela Rede Viva.

Quanto à idade e estado civil, a média etária dos voluntários na primeira onda foi de 41 anos, sendo que 56% deles estavam entre 30 e 49 anos. Casados, eram 46%. As pesquisas que a sucederam, tiveram, respectivamente, as seguintes médias: 43, 47 e 49 anos. Nestas, Segunda, Terceira e Quarta Ondas, no que concerne ao estado civil, 47%, 50% e 48% apresentaram a condição de casados.

B



No que se refere à carga semanal de trabalho remunerado entre 30 a 40 horas, eram 30% dos entrevistados da primeira onda;

34% em se tratando de mais de 40 horas semanais de trabalho remunerado. Da segunda onda 25%, e 30% da terceira, apontaram cumprir trabalho remunerado com carga horária semanal entre 30 a 40 horas.

Ainda nessas duas ondas intermediárias, os que exercem mais de 40 horas de trabalho remunerado totalizaram o universo de 37% e 40%, respectivamente.

Aos integrantes que responderam à pesquisa denominada Quarta Onda, o universo correspondeu a 21% para os que realizam trabalho remunerado com carga horária de trabalho entre 30 e 40 horas e, 24% entre os entrevistados que o exercem por mais de 40 horas semanais.

Na pergunta aberta “Quantas horas semanais dedica ao trabalho voluntário?” pode-se verificar na primeira onda que o voluntário dedicara, em média, 16,1 horas mensais ao trabalho

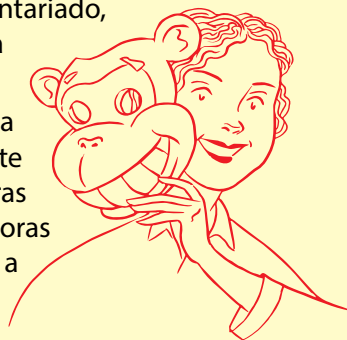
voluntário, sendo 54% dessas horas (8,7 horas) trabalhadas para atividades da Rede Viva, que a eles solicita um mínimo de duas horas semanais de atividade do voluntário. Calculando-se a hora média de trabalho de cada voluntário a partir de seu salário pessoal, temos R\$ 22,88. Em média, por mês, o voluntário da Rede Viva “doava” à época, R\$ 369,14 em horas-voluntariado, sendo que R\$ 199,04 eram especificamente para a Associação Viva.

Quando a mesma pergunta fora feita aos entrevistados da Segunda Onda, cada respondente dedicava, em média, 14,5 horas para atividades de voluntariado, sendo 8,6 horas (59%) dessas horas para a Rede Viva. Calculando-se a hora média de trabalho de cada voluntário a partir de seu salário pessoal, temos R\$ 31,96. Em média, por mês, o voluntário do Viva “doava” à época, R\$ 464,19 em horas-voluntariado, sendo que R\$ 274,65 eram especificamente para a Associação Viva.

No que concerne às respostas a essa mesma pergunta, a Terceira Onda apresentou o seguinte resultado: cada um dedicava, em média, 15,8 horas para atividades de voluntariado, sendo 10,0 horas (64%) desse tempo para o Viva. Calculando-se a hora média de trabalho de cada voluntário a partir de seu salário pessoal, temos R\$ 32,48.

Em média, por mês, o voluntário do Viva “doava” à época, R\$ 511,85 em horas-voluntariado, sendo que R\$ 325,17 eram especificamente para a Rede Viva. Aos que responderam à Quarta Onda, este foi o universo apresentado: 16,5 horas de trabalho voluntário de maneira geral, sendo 9,6 horas dedicadas exclusivamente à Rede Viva. Em média, por mês, o voluntário da Rede Viva “doava” R\$ 399,33 em horas-voluntariado, sendo que R\$ 228,12 são especificamente para a Associação Viva.

Enfim, aos que responderam recentemente, pela pesquisa denominada Quinta Onda, este foi o universo apresentado: 16 horas de trabalho



voluntário de maneira geral, sendo 8,8 horas dedicadas exclusivamente à Rede Viva. Em média, por mês, o voluntário da Rede Viva “doava” R\$ 640,55 em horas-voluntariado, sendo que R\$ 352,84 são especificamente para a Rede Viva.

Discussão

Quando comparamos a média de hora mensal dedicada a ações voluntárias com o perfil do voluntário da Associação, podemos perceber que os voluntários da Rede Viva são, em sua maioria, 89% mulheres em idade produtiva com famílias constituídas, e que doam parte de seu tempo de lazer e de estar com a família, ao trabalho voluntário.

Quanto à escolaridade, a Primeira Onda apresentou que 47% dos voluntários têm graduação no ensino superior, e 40% possuem pós-graduação. Nesse sentido, a média de tempo de estudo formal dos voluntários é de, no mínimo, 18 anos. Esse dado nos demonstra que os voluntários da Rede Viva promovem a cultura de leitura e do brincar pelos elevados índices de escolaridade e pela missão que se dedicam a contar histórias para crianças e adolescentes hospitalizados, promovendo o desenvolvimento de competências necessárias para a formação de um leitor. Eis até aqui, razões suficientes para que se permita o olhar justo quanto ao universo do voluntariado, sobretudo no que concerne ao estudo que estabeleça a média da hora/trabalho-voluntário.

Nas Segunda, Terceira e Quarta Ondas, respectivamente, a escolaridade apresentou-se pelos seguintes parâmetros, a saber:

47%, 38% e 39% dos entrevistados possuem curso superior; ato contínuo 30%, 40% e 48% com MBA ou especialização e, por fim, 5%, 6% e 10% têm mestrado ou doutorado.



Conforme a pesquisa mais recente, a Quinta Onda, 45% dos voluntários da Rede Viva entrevistados possuem curso superior completo, 32% fizeram MBA ou especialização e 12% têm mestrado ou doutorado.

Entre as quatro pesquisas realizadas, dos respondentes da Primeira Onda, 38% trabalham no setor privado contra 17% de servidores públicos federais, estaduais e municipais. Na Segunda Onda, esse número é de 38% no setor privado e 19% de servidores públicos das referidas esferas. Na Terceira Onda, esse número se apresenta pelo percentual de 26% contra 22% nas referidas ocupações. E, na Quarta Onda, os servidores públicos representam 13% do universo dos voluntários entrevistados.

Por fim, ainda nos quesitos que compreendem a formação escolar e profissional, rendimentos e horas de dedicação entre os voluntários

entrevistados pelas quatro ondas, os dados quanto à renda pessoal dos entrevistados na Primeira Onda assim se apresentaram: 19% possuíam uma renda entre R\$ 1.245,01 e R\$ 2.075,00 (salário- mínimo, base de referência, R\$ 465,00 em janeiro de 2009); 28% entre R\$ 2.075,01 e R\$ 4.150,00 e 17% com renda entre R\$ 4.150,01 até R\$ 8.300,00. Dos voluntários, 7% tinham renda familiar acima de 18 salários mínimos.

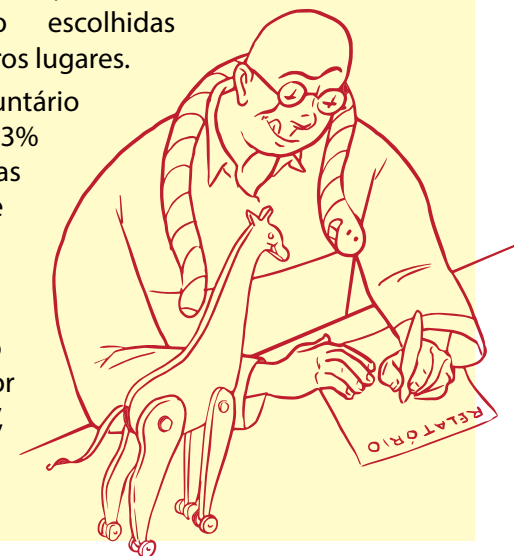
As Segunda e Terceira Ondas, em face do salário-mínimo base de referência em R\$510,00, em 2010, e R\$545,00, em 2011, apresentaram, respectivamente, que os entrevistados se declararam entre as seguintes faixas: 15% e 16% para os entrevistados com renda entre R\$1.245,01 e R\$2.075,00; 27% e 25% entre R\$2.075,01 e R\$4.150,00, e 25% e 24% entre a faixa de

R\$4.150,01 até R\$8.300,00. Para os que possuíam renda acima de 18 salários mínimos, declararam-se 9% e 14%, respectivamente, nas Segunda e Terceira Ondas.

Os voluntários da Rede Viva entrevistados pela Qualibest e pela Associação Viva e Deixe Viver, formando a Quarta Onda, apresentaram os seguintes valores, tomando por base o salário mínimo referência de R\$678,00: entre os que se encontraram na faixa de R\$1.245,01 até R\$2.075,00, correspondem a 11%. Entre a de R\$2.075,01 até R\$4.150,00, 20%. Para os que se encaixaram entre a faixa de R\$4.150,01 e R\$8.300,00, 28% assim se declararam. E, por fim, aqueles que se enquadraram acima de 18 salários mínimos de rendimento pessoal, 15%.

Para o quesito Motivação, das três primeiras ondas depreenderam-se os seguintes resultados: 67%, 66% e 62%, respectivamente, são motivados pela razão de um Dever Social, enquanto na Quarta Onda esse motivo foi atribuído por apenas 10% dos entrevistados, restando em quarto lugar na ordem de motivação da última Onda. As tidas como as três primeiras razões – “Ajudar o Próximo”, “Motivação Pessoal” e “Sentir-me Útil/Melhor” – foram elencadas respectivamente por 31%, 13% e 13% dos entrevistados, sendo que entre elas, 52%, 24% e 43% representaram respostas quando escolhidas simultaneamente entre os três primeiros lugares.

Quanto à satisfação do trabalho voluntário realizado pela Rede Viva, 72%, 74% e 73% respectivamente às três primeiras Ondas, considerando qualquer tipo de motivo, nunca pensaram em interromper suas atividades com a Rede Viva. O pequeno percentual que considerou interromper o trabalho voluntário justificou sua decisão por motivos como “Excesso de trabalho”,



“Falta de tempo” e “Doença na família”. Entre os motivos, também se apresentou a “Insatisfação com a Associação”, sendo que tão-somente 4%, 3% e 2% apontaram esta como a razão para interromper suas atividades. Resta concluir que é um número bem pequeno, decrescente ao longo das três primeiras ondas (2009-2012).

Perguntados sobre as razões que os levaram a manter as atividades com a Rede Viva, as respostas voltadas para a “Percepção do bem-estar da criança” representaram, respectivamente, na Primeira, Segunda e Terceira Ondas, o percentual de 84%, 89% e 88%; o que comprova por si só a razão maior pela qual a Associação há décadas se lançara mediante Contadores de Histórias a estabelecer um compromisso com o bem-estar do paciente infanto-juvenil, sobretudo com formação de conhecimentos e informações sobre a arte de brincar e contar histórias para esse fim.

Quando perguntados na Quarta Onda (2014) sobre se utilizam em outro lugar os conhecimentos e informações acerca da arte de brincar e contar histórias, adquiridos na organização, 66% responderam que sim, os utilizam. Ainda no âmbito desta que foi a pesquisa mais recente, quando indagados a respeito do comportamento e da imagem referentes aos voluntários da Rede Viva, 89% responderam que as pessoas costumam se interessar e perguntar bastante sobre as atividades da Rede Viva e Deixe Viver. A partir da experiência que tiveram, os voluntários responderam que os pontos que mais lhes agradam na Rede Viva são o “Comprometimento com a causa” (89%), “Contribuição para Humanização Hospitalar” (83%), “Respeito com as crianças hospitalizadas” (81%).

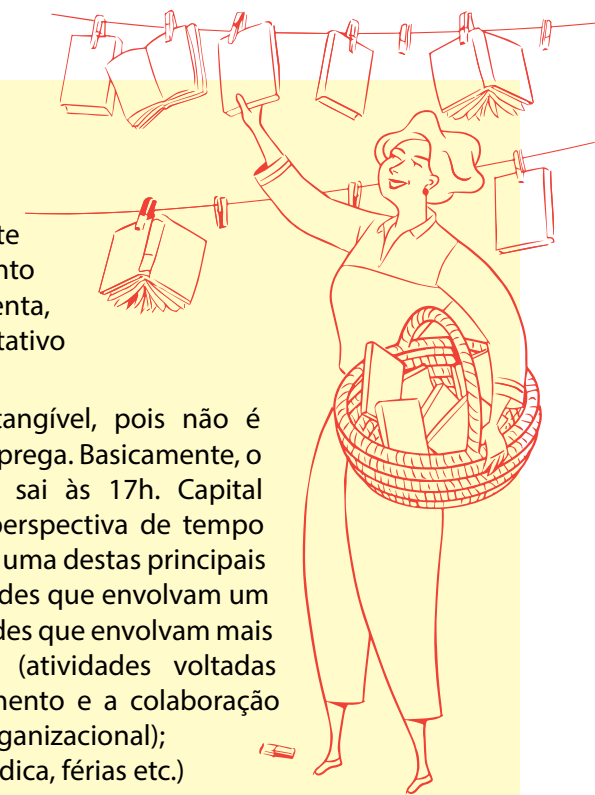
O que as pesquisas dizem, sobretudo, é a respeito do capital humano intangível, instrumento de promoção integral do desenvolvimento da nação, porquanto

o capital humano está diretamente relacionado com o desenvolvimento humano e, quando este se apresenta, o progresso qualitativo e quantitativo da nação é inevitável.

Capital humano é um ativo intangível, pois não é propriedade da empresa que a emprega. Basicamente, o capital humano chega às 9h e sai às 17h. Capital humano, quando visto de uma perspectiva de tempo que o consome especialmente em uma destas principais atividades: Conhecimento (atividades que envolvam um funcionário); Colaboração (atividades que envolvam mais de um empregado); Processos (atividades voltadas especificamente para o conhecimento e a colaboração gerados pela estrutura organizacional); Ausência (férias anuais, licença médica, férias etc.)

Por meio da Quarta Onda foi feita a pergunta “Quando você realiza algum trabalho voluntário – independente se para a Rede Viva e Deixe Viver ou para outra organização, você chega a investir algum valor em real?”, a resposta positiva foi alta, pois 90% dos voluntários disseram desembolsar algum valor.

Cumprido dizer que 69% dos voluntários desembolsam, em média, R\$43,75 com transporte; 68%, R\$50,56 com livros; 35% desembolsam R\$ 49,23 com lanches e alimentação; 28% gastam em média, R\$39,45 com brinquedos, 22%, R\$44,96 com estacionamento e 15% disponibilizam em média, R\$65,97 com outros gastos em face do trabalho voluntariado, seja por meio da Rede Viva e Deixe Viver ou por outra organização. Mensalmente, o voluntário gasta, em média, R\$128,63. Projetando para o universo de voluntários da Rede Viva, ao final de um ano, foram investidos cerca de R\$1.450.891,31 para atuarem como voluntários para a Rede Viva e para outras organizações. Para a Rede Viva, esse valor é de R\$ 827.008,05.



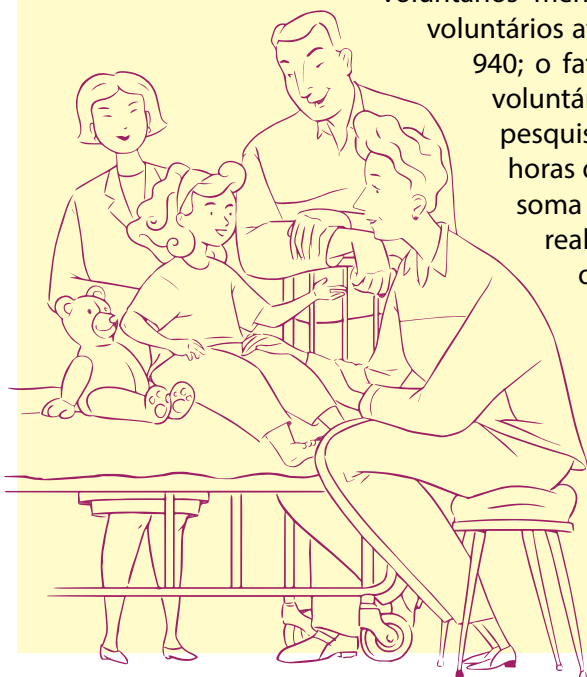
Segundo os dados da pesquisa denominada Quarta Onda, se a Rede Viva tivesse que desembolsar dinheiro para pagar seus voluntários ancorados nos rendimentos de cada um, teria que ter uma verba de quase R\$ 2,5 milhões em um ano. Cumpre dizer, que esse valor pode ser considerado muito mais um “superávit social” que um “déficit financeiro”, representando um potencial de lucro social.

Número total projetado de atendimentos realizados no ano de 2014: 267.524 atendimentos. Número médio de atendimentos feitos por mês: 22.294 atendimentos. Número médio de atendimentos realizados por voluntário em um mês: 23,7 atendimentos. Tempo médio utilizado pelo voluntário em cada atendimento: 25 minutos. Média de visitas feitas pelos voluntários em um mês comum é de: 6,6 visitas. A cada visita, o voluntário realiza, em média, 8,4 atendimentos. Valor do Capital Humano da Associação Viva por atendimento feito é de R\$ 9,62.

Segundo o balanço social de 2014, o total de crianças atendidas pelos voluntários mensalmente foi de 5.692; o de

voluntários atuantes no ano de 2014 foi de 940; o fator de multiplicação (total de voluntários/total de respondentes da pesquisa) é de 3.917; a média de horas dedicadas à Rede Viva por mês soma 9,6h; o total de visitas realizadas no ano foi de 75.216; e o valor médio mensal que representa o trabalho voluntário da Rede Viva é de R\$228,12 (ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER, 2014b).

O Independent Sector propõe para a realização do cálculo do valor do



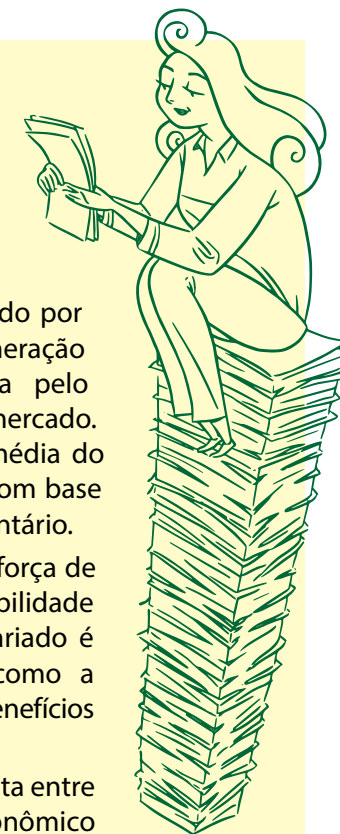
voluntário onde o custo é calculado pela média de quanto o voluntário seria pago caso ele estivesse trabalhando em seu trabalho regular (ex.: médico, professor, advogado, bombeiro etc.) dividido por uma Taxa de Comercialização que seria a remuneração média por hora ancorada na tarefa executada pelo voluntário e o quanto ele seria pago pelo mercado.

A soma da média salarial do voluntário, mais a média do trabalho que ele está desempenhando, calculado com base no mercado, igual ao valor da hora do trabalho voluntário.

Os voluntários são uma extensão indispensável da força de trabalho, mas sua contribuição é excluída da contabilidade no Brasil. Atribuir um valor econômico ao voluntariado é uma forma de entidades sem fins lucrativos, como a Associação Viva, avaliarem de modo tangível os benefícios gerados por seus colaboradores.

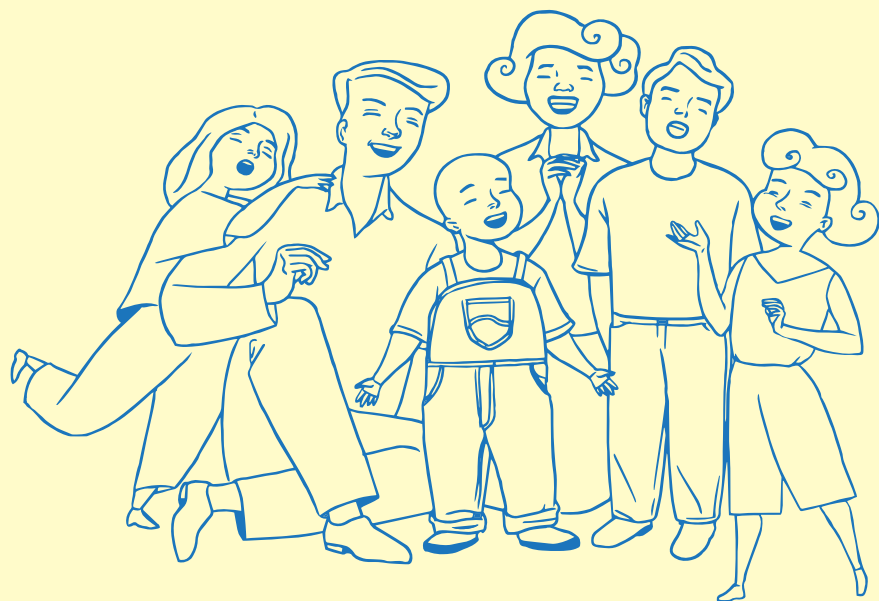
A pesquisa Perfil do Voluntário é uma iniciativa inédita entre entidades não governamentais brasileiras. Perfil econômico dos voluntários – maioria AB e pouco C – faz toda a diferença. São pessoas amantes da leitura e que passam com propriedade os ensinamentos para as crianças e adolescentes atendidos.

A avaliação do impacto das ações de entidades do Terceiro Setor sempre esteve na pauta da Associação Viva e Deixe Viver. Esse modelo de gestão e também o rigoroso processo de seleção e treinamento de seus voluntários tornaram a Associação Viva uma entidade-modelo. Avaliar o valor da hora do voluntário de acordo com suas características profissionais e socioeconômicas é uma prática comum em países como os Estados Unidos, cujas entidades divulgam o valor estimado da hora do voluntário.



O Independent Sector, por exemplo, propõe um valor único, atualizado anualmente. Já o Instituto Points of Light oferece um levantamento mais preciso, a partir das características do voluntário. É preciso que se entenda que quando buscamos uma empresa para ser nossa parceira, temos que mostrar que a decisão dela em apoiar a Rede Viva será acertada, porque os nossos voluntários fazem diferença nos locais em que atuam e não apenas porque seu investimento será corretamente empregado.

O constante desafio da Associação Viva e Deixe Viver está focado em duas frentes, a valorização e valoração do voluntário na saúde brasileira e fomento de educação e cultura por meio da leitura e do brincar.



Considerações finais

A pesquisa realizada pela Associação Viva e Deixe Viver, em parceria com a Qualibest, evidencia a necessidade de minimizar a visão assistencialista que existe sobre o voluntariado no Brasil e de, sobretudo, promover a gestão profissional na atividade exercida, fortalecendo o conceito de sustentabilidade. Importa, inclusive, afirmar a necessidade em desmistificar o voluntário da visão que o tome por “pobrezinho” ou mesmo o herói.

É necessário, portanto, que o país se mobilize para difundir a necessidade de se dividir e compartilhar o saber. O trabalho voluntário é a forma de excelência onde isso é possível. Nos países onde isso acontece, a qualidade de vida dos indivíduos é melhor avaliada e a cidadania é mais potencializada.

É tempo de o governo, indústrias, comércio, conselhos profissionais e também sindicatos se reunirem em torno do debate que permita tratar o assunto definitivamente de forma séria, podendo, inclusive, torná-lo política pública, haja vista a relevância do trabalho voluntário no país e para o país.



Referências

ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER. Pesquisa com voluntários. 2a. onda. São Paulo, maio 2011. Disponível em: <http://www.vivaedeixeviver.org.br/images/stories/download/pesquisas/2onda.pdf> Acesso em: 26 out. 2015.

_____. Pesquisa com voluntários. 3a. onda. São Paulo, setembro de 2012. Disponível em: <http://www.vivaedeixeviver.org.br/images/stories/download/pesquisas/Pesquisa-da-3-%20onda-do-Perfil-do-Voluntariado.pdf> > Acesso em: 26 out. 2015.

_____. Pesquisa com voluntário. 4a. Onda. São Paulo, 2014a. Disponível em: <http://www.vivaedeixeviver.org.br/images/stories/download/pesquisas/QualiBest-Viva-e-Deixe-Viver-Capital-Humano-2014-v2.pdf>> Acesso em: 26 out. 2015.

_____. Balanço social 2014. São Paulo, 2014b. Disponível em: http://www.vivaedeixeviver.org.br/images/stories/download/balanco_social/2014.pdf> Acesso em: 26 out. 2015.

_____. Normas, práticas e ética. Edição 2015. Disponível em: <http://www.vivaedeixeviver.org.br/images/stories/diarioeletronico/Manual-Viva-2015.pdf>> Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. Balanço social 2016. São Paulo, 2016. Disponível em: http://www.vivaedeixeviver.org.br/images/stories/download/balanco_social/2016> Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. Pesquisa com voluntários. 5a. onda, 2016. Disponível em: <http://www.vivaedeixeviver.org.br/images/stories/download/pesquisas/5onda.pdf>> Acesso em: 12 fev. 2018.

BONDAL, M. R. The human face of globalization: implications in education. Revista ESE Estudios Sobre Educación, n. 1, p. 81-89, 2001.

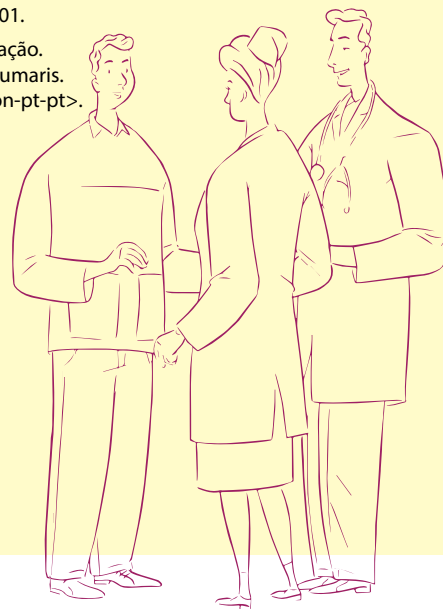
BRAHMA KUMARIS. Programa Vivendo Valores na Educação. São Paulo, 1996. Disponível em: <http://www.brahmakumaris.org/o-que-fazemos/globalinitiatives-pt-pt/la-educacion-pt-pt>>. Acesso em: 24 out. 2015.

BRASIL. Secretaria de Governo. Marco regulatório das organizações da sociedade civil. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://www.secretariageral.gov.br/atuacao/mrosoc>>. Acesso em: 28 out. 2015.

FLORES, E. P.; DIAS, A. R. Contadores de história em contexto hospitalar: uma proposta de análise das ações do contador. Pôster. In: XXXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, 2009, Goiânia. Anais da XXXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia. Goiânia: 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. ONU quer incluir trabalho voluntário no cálculo do IDH.

Folha de São Paulo Online. São Paulo, 3 jul. 2001.



Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u32162.shtml>. Acesso em: 18 out. 2015.

INDEPENDENT SECTOR. Giving and volunteering in the US. 2001. Washington, 2001. Disponível em: <http://www.cpanda.org/pdfs/gv/GV01Report.pdf>> Acesso em: 18 out. 2015.

_____. The value of volunteer time. Washington, 2016. Disponível em: <https://independentsector.org/resource/the-value-of-volunteer-time/>> Acesso em: 18 out. 2015.

INSTITUTO QUALIBEST. Qualidade do setor de pesquisa, 2001. Disponível em: <http://www.qualibest.com>> Acesso em: 12 fev. 2015.

LANDIM, L.; SCALON, M. C. Quem dá e quem não dá - eis a questão. RETS – Revista do Terceiro Setor. 30 abr. 2001. Disponível em: <http://www.ufrn.br/sites/engenhodesonhos/mediateca/artigos/Solidariedade.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

MARTINEZ DE SORIA, A. B. Voluntariado: 2001, proyecto global de acción. ESE - Estudios Sobre Educacion, n. 1, p. 91-97, 2001.

MORENO, A. S.; YOLDI, I. S. Avances recientes en la investigación económica sobre el voluntariado: valoración económica del trabajo voluntario, costes de gestión del voluntariado y voluntariado corporativo. Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa, n. 63, p. 191-225, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/174/17412307008.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2015.

MUSSA, C.; MALERBI, F. E. K.O impacto da atividade lúdica sobre o bem-estar de crianças hospitalizadas. Psicologia: Teoria e Prática, v. 10, n. 2, p. 83-93, 2008.

QUALIBEST. Viva e Deixe Viver. Pesquisa com voluntários. 1a. Onda. São Paulo, maio 2009. Disponível em: <http://www.vivaedeixeviver.org.br/images/stories/download/pesquisas/1onda.pdf> > Acesso em: 18 out. 2015.

SUYAMA, Y.; et al. Processo de Seleção e Treinamento de Voluntários da Associação Viva e Deixe Viver. Proposta Pedagógica Institucional. Associação Viva e Deixe Viver. Manual Institucional. S/d. Disponível em: <http://www.setor3.com.br/jsp/default.jsp?tab=00002&newsID=a5205.htm&subTab=00000&uf=&local=&l=&template=107.dwt&unit=>> Acesso em: 20 out. 2015.

VIVA HUMANIZAÇÃO. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.vivahumanizacao.org.br/>> Acesso em: 18 out. 2015.

YOSHIDA, L. A. M.; et al. Pesquisa: avaliação, através da técnica de análise de desenho, da atividade dos 'Contadores de Histórias' para crianças e adolescentes hospitalizados. In: GOUVEIA, M. H. Viva e Deixe Viver. Histórias de quem conta histórias. São Paulo: Globo Livros, 2005.

